

Situação Política no Brasil e Direitos Humanos

Miguel Baldez

Professor e Coordenador de Assuntos Comunitários da EMERJ.

Para pensar a situação política no Brasil hoje, é importante começar das décadas de 1920 e 1930 do século XX. Em 1922 foi fundado o partido comunista, um reflexo da revolução de 1917, na Rússia, ação direta do COMINTERN. Já na segunda metade daquele ano 20, o partido comunista cria o BOC, Bloco Operário Camponês que, sob a liderança do marmorista Minervino de Oliveira, assumiu relevante papel organizativo nas lutas da emergente classe trabalhadora de então, chegando mesmo a assumir o protagonismo dos enfrentamentos de classe concretos, como grande e importante greve na cidade de São Paulo.

Veio, então, no curso de tal processo histórico, a revolução burguesa de 1930, liderada por Getúlio Vargas, Juarez Távora, Osvaldo Aranha, Góis Monteiro, Pinheiro Machado e outros, uma revolução que, ultrapassando as limitações agrárias da economia da república velha, preparava o país para a nova sociedade, inspirada em valores da revolução francesa. Consolidou-se, daí em diante, o fundamental conceito burguês do direito, cujas normas e regras deveriam garantir a dispersão das grandes contradições entre capital e trabalho. Reduziriam tais contradições a conflitos individuais entre as pessoas, reconhecidas natural e juridicamente como sujeitos de direito. Quanto ao trabalho, a redução da contradição ficaria expressa no conflito entre patrão e trabalhador, quando muito reconhecendo no conjunto da classe trabalhadora, com inúmeras restrições legais, o direito de greve. Do ponto de vista do direito positivado, tal fato vai acontecer no ano de 1934, logo depois da superada revolução paulista de 1932, de feição tipicamente reacionária.

Mas a década de 1930 foi palco de grandes ações e reações econômicas e políticas mundo afora e, nessa Europa recém saída da Primeira Guerra Mundial, uma incipiente e desestruturada democracia acabou por ser engolida por regimes totalitários. Assim, na Alemanha, o nazismo de

Adolf Hitler, e, na Itália, o fascismo de Mussolini, principais protagonistas da Segunda Guerra Mundial. No enfrentamento, no outro polo, os chamados aliados, entre os quais uma contradição, lado a lado o regime socialista da União Soviética e as principais nações capitalistas, Inglaterra, França e Estados Unidos da América.

Os efeitos do conflito europeu não poderiam deixar de repercutir no Brasil. Em 1935, o partido comunista tenta uma revolução, que se frustrou, mas deixou nomes importantes na política nacional, como, principalmente, Luiz Carlos Prestes e Apolônio de Carvalho, e mais adiante a tentativa golpista do fascismo integralista, que redundou na ditadura de Vargas em 1937, o chamado Estado Novo. Pois Vargas beirou o fascismo europeu assumindo aqui com o Estado Novo o fascismo, a ditadura com todos os seus ingredientes de perseguições, violência, tortura e mortes.

Com a vitória em 1945 dos aliados, cai no Brasil, em 1946, a ditadura de Vargas, restabelecendo-se formalmente o regime democrático. Mas Vargas, sem dúvida um gênio político, criando dois partidos, um voltado para a classe trabalhadora, o PTB, outro comprometido com o latifúndio, cuja permanência na economia brasileira sempre se manteve, o PDS, ele Vargas conseguiu conservar-se na crista da política nacional, e em 1950, voltou ao poder, agora democraticamente eleito pelo povo, pode dizer-se nos braços do povo.

Só que as eleições de 1950 traziam um Vargas revigorado pela cidadania e inflado pela democracia, com matizes ideológicos socialistas, em razão da presença da União Soviética no contexto internacional. Já não servia aos interesses do capital, envolto na guerra fria e correndo o risco de perder seus domínios na América Latina. Por outro lado, destacava-se como partido de oposição a UDN, liderada de fato por um habilidoso e combativo político de direita, o jornalista Carlos Lacerda. Getúlio Vargas incomodava e com ele crescia a força democrática do povo. Deu-se então a tentativa de assassinato contra Carlos Lacerda, que redundou na morte do major Rubem Vaz, provocando forte reação nas forças armadas, principalmente na corporação do morto, a Aeronáutica, onde se formou um grupo amotinado na época chamado "República da Aeronáutica". A pressão contra Vargas aumentava a cada dia, à frente Carlos Lacerda, mas como força mais atuante e definitiva, e primeiro indicativo de um projeto golpista que só veio a concretizar-se em 1964. Getúlio suicidou-se e, com sua morte, deu ao povo um novo caminho de luta e resistência democrá-

tica. Getúlio morto continuava nos braços do povo. No campo eleitoral, os dois partidos, PDS e PTB, ultrapassado o curto momento de Café Filho, com seus candidatos, Juscelino Kubtschek e João Goulart, já naquela altura imbatíveis. A campanha da direita recrudescu e tudo se fez para impedir a candidatura de Juscelino e, eleito ele, evitar a sua posse, garantida afinal pelo então Ministro da Guerra, Mal. Henrique Duffles Lott. Salvou-se formalmente a democracia, mas o projeto golpista continuou seu curso. Vem o governo de Jânio Quadros e como vice-presidente João Goulart. Tem-se a renúncia de Jânio e a direita, com presença mais atuante do capital internacional, não pode suportar que Jango assumisse o poder. Na ocasião estava ele na China. No Rio Grande do Sul o governador Leonel Brizola resiste e, principalmente, a classe trabalhadora já organizada na primeira CGT (Comando Geral dos Trabalhadores) mobiliza-se a favor da posse de João Goulart e acabam vitoriosos, não sem antes aceitar a mudança de regime, dando-se a substituição do presidencialismo pelo parlamentarismo. Depois, em consequência da realização de um programa plebiscito, retorna-se ao presidencialismo e Jango retoma seus poderes presidencialistas. Logo depois, porém, em, 1964, o projeto golpista, integrando o empresariado e os militares, com direto e forte apoio do capital, impôs aos brasileiros a ditadura empresarial militar que, com torturas e mortes, durou até 1985. Faz-se uma pausa nestas reflexões para lembrar observação de ilustre sociólogo da USP, Francisco de Oliveira. Diz ele que no Brasil os tempos de ditadura ultrapassam o tempo de liberdades, citando a ditadura de Vargas e essa mais recente, a empresarial militar. Em outro estudo, já se pediu vênua ao ilustre Francisco de Oliveira para dele discordar em parte. Na verdade, o povo brasileiro nunca teve fala, a não ser nos momentos históricos em que se opôs revolucionariamente à classe dominante. Foi assim em Canudos, na Cabanagem, no Contestado.

Mas o espectro da ditadura está sempre presente nos ares políticos desta eterna vilã que é a classe dominante no Brasil. Fez ela a sua revolução burguesa, mas entregou-se de corpo e alma aos interesses internacionais, pois jamais se firmou como classe independente. Não conseguiu por isso conviver com o trabalhador quando ele se organizou em seus sindicatos. É bom lembrar que o sindicalismo brasileiro, nascido com o Estado Novo de Vargas, em 1937, de caráter fascista, inspirou-se na *Carta Del Lavoro*, de Mussolini, e gestou nas suas entranhas os que ficaram conhecidos como pelegos. Pelego, a manta que no sul se usa sobre a cela

para amaciar o peso da cela e do cavaleiro. Nos sindicatos, para amaciar a pressão do capitalista sobre a classe trabalhadora. Pois o sindicalismo no Brasil, com a exceção do comando geral dos trabalhadores na década de 1960, sempre foi dominado por pelegos, até que surgiram os sindicatos do ABC paulista, e nele a liderança de Luis Inácio da Silva, o Lula.

Na política, o mais que se tinha avançado estava no trabalhismo de Vargas, Jango e depois Leonel Brizola. O partido comunista, com a revolução frustrada em 1935 e vitimado pela brutal e continuada repressão, praticamente perdera-se. Mas o metalúrgico Lula, repetindo com vantagem o marmorarista Minervino de Oliveira, na década de 1920, lançou-se, além da organização sindical, no campo da política, liderando com sucesso o Partido dos Trabalhadores. Foi demais para a classe dominante. PT e Lula em princípio não lograram sucesso, mas insistiram e Lula acabou eleito e reeleito para a presidência do Brasil e, mais, fez sua sucessora, que também se reelegeu. E a classe dominante, sentindo-se acuada, já não pôde conter sua índole golpista e, vestindo-se de juridicidade, vai tentando um golpe, principalmente valendo-se do Poder Judiciário. É bom lembrar o grande Calamandrei, quando afirma que os juízes (pode incluir-se os promotores, os advogados, os procuradores), numa sociedade burguesa, formando-se na cultura jurídica da burguesia que lhe passam nas universidades, terão inevitavelmente uma formação jurídica burguesa a orientar-lhes as eventuais decisões. Vejam como exemplo as decisões do Juiz Moro e do Ministro Gilmar Mendes e a vergonhosa posição da OAB contra a Presidenta Dilma e o ex-presidente Lula, e percebam, que enquanto Vargas foi vitimado pela "República da Aeronáutica", Dilma e Lula correm o risco de serem vitimados por estranhíssima república de juízes, promotores, procuradores e advogados. "Vade retrum" diria um religioso invocando poderes sobrenaturais. Politicamente, pode afirmar-se que o povo na rua, povo trabalhador organizado, nas cidades e no campo, a CUT, o MST e o MTST e demais formações da classe trabalhadora não permitirão que se dê e concretize esse projeto golpista. "Não passarão", diria a grande liderança feminina da história. "Não terá golpe", dizem em uníssono trabalhadoras e trabalhadores em todo o Brasil. ❖